

## O ESTÉTICO E O MUSEU AFRO BRASIL: POSSIBILIDADE DE IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 11.645/08 EM ESCOLAS PÚBLICAS DA CIDADE DE SÃO PAULO

Gabriel da Silva Brito<sup>26</sup>  
Marcos Jesus Alves Monteiro da Silva

**RESUMO:** O Museu Afro Brasil é necessário para entender a importância da retomada de conceitos apropriados por grupos hegemônicos. Nessa direção, este estudo visa contribuir para a implementação da Lei 11.645/08 nas escolas públicas da cidade de São Paulo através do Museu Afro Brasil. Usaremos a argumentação de Herbert Marcuse na obra *Eros e Civilização*, na qual se discute a possibilidade de uma sociedade não-repressiva por meio da formalidade estética e sua re-valorização no jogo pulsional, o que nos ajuda a entender como a arte pode tornar-se um meio para uma possível sociedade onde houvessem princípios diferentes do em voga.

**PALAVRAS-CHAVE:** Museu Afro Brasil. Lei 11.645/08. Estética. Repressão.

### THE ESTHETIC AND THE AFRO BRAZIL MUSEUM: POSSIBILITY OF IMPLEMENTING LAW 11.645/08 IN PUBLIC SCHOOLS IN THE CITY OF SÃO PAULO

**ABSTRACT:** The Afro Brazil Museum is necessary to understand the importance of retaking concepts appropriated by hegemonic groups. In this direction, this study aims to contribute to the implementation of Law 11.645/08 in the public schools of the city of São Paulo through the Afro-Brazil Museum. The argumentation of Hebert Marcuse in *Eros and Civilization* is used, where the possibility of a non-repressive society is discussed through the aesthetic formality and its revaluation in the pulsional game, which helps us understand how art can become a means for a possible society where there would be different principles from the current one.

---

<sup>26</sup> Graduandos da Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, Brasil

**KEYWORDS:** Afro Brazil Museum. Law 11.645/08. Aesthetic. Repression.

## INTRODUÇÃO

Inaugurado em 2004, o Museu Afro Brasil (MAB)<sup>27</sup> surge na sociedade paulista para atender as demandas em torno da valorização da cultura brasileira e de criar oportunidades para artistas negros que estavam produzindo no âmbito das artes e das culturas. Seu surgimento tem a intenção de “desconstruir a relação estabelecida entre população negra e subalternidade, construída com base exclusivamente na associação do negro à escravidão, constituindo um estereótipo inferior e negativo ao qual a imagem do negro foi relacionada no decorrer da história, omitindo sua contribuição à cultura” (MATOS, 2013, p.17). A instauração desta instituição proporciona diálogos com a parcela da sociedade no que tange à uma educação não-formal, ao passo que fornece contribuições afro diaspóricas à cultura nacional.

O Museu Afro Brasil se faz necessário para entender a importância da retomada de conceitos apropriados por grupos hegemônicos, haja vista que por muito tempo a elite intelectual tomou para si a direção da cultura, arte, música, entre outros. Abre-se, então, uma gama de visões contra esses grupos hegemônicos, pois, negros passam a reivindicar novas possibilidades dentro da cultura nacional, tais como diversidade, diálogos em torno das diferenças individuais e a alteridade. Stuart Hall chama atenção para entender como esses conceitos foram se resignificando em favor dos excluídos:

Em suma, o significado do conceito mudou como resultado da **luta** em torno as cadeias de conotação e das práticas sociais que possibilitaram o racismo através da construção negativa dos ‘negros’. Ao invadir o âmago da definição negativa, o movimento negro tentou ‘roubar o fogo’ do próprio termo. Porque ‘negro’ antes significava tudo que devia ser menos respeitado, agora pode ser afirmado como ‘lindo’, a base de nossa



---

<sup>27</sup> MAB, sigla usada para Museu Afro Brasil.

identidade social positiva, que requer e engendra respeito entre nós. (HALL, 2003, p.195).

Pensar as lutas como uma forma de resistência e resgate, ou seja, pensar o ‘roubar fogo’ de uma história carregada de conceitos e produções, se faz necessário à medida que a

ampliação das noções de patrimônio cultural, museologia e conceitos afins, cujas conotações, historicamente construídas, tiveram, em um passado recente, dimensões negativas para segmentos excluídos, é fruto, inegavelmente, das tensões e limites que nossa sociedade experimenta” (SILVA, 2013, p. 123).

Nesse sentido Achille Mbembe (2014), nos apresenta no livro *A Crítica da Razão Negra*, o conceito de Razão Negra, que sob sua perspectiva quer dizer sobre uma definição de raça que se pauta em uma forma de representação primária na qual se busca compreender o que está dentro ou fora dos conteúdos do *simulacro da superfície* (MBEMBE, 2014, p.25), ou seja, algo que não existe no âmbito biológico ou físico. A raça, então, é um artifício útil que objetiva-se atender os interesses políticos<sup>28</sup> (MBEMBE, 2014, p.26). O que Achille Mbembe nos propõe, é analisar a obra como uma leitura de mundo partindo de uma óptica africana, enquanto descolonização do pensamento e afastamento do eurocentrismo, um viés usado para repensar a experiência contemporânea negra. *A razão negra* é uma forma de resistência dentro da estrutura racista, porque se propõe a pensar num modelo de pensamento voltado ao ser negro e a construção de uma nova epistemologia.

Um dos exemplos mais marcantes de época para a definição da razão negra é como as escolas públicas e privadas, universidades e centros universitários, vêm aos poucos apagando epistemologicamente autores negros da

---

<sup>28</sup> O conceito raça é usado no sentido de Silvio Almeida, que diz que raça “ainda é um fator político importante utilizado para naturalizar desigualdades, justificar a segregação e o genocídio de grupos sociologicamente considerados minoritários”. (ALMEIDA, 2018, p. 24)

grade curricular brasileira. A este fenômeno damos o nome de “epistemicídio”<sup>29</sup>- termo retificado na tese de doutorado da Sueli Carneiro, que relata a estrutura do Brasil com uma exclusão sistemática dos negros.

Boaventura Sousa Santos (1997) também trouxe à sociedade o conceito de “epistemicídio” e nos mostra dois elementos fundamentais deste processo colonial:

o genocídio que pontuou tantas vezes a expansão europeia foi também um epistemicídio: eliminaram-se povos estranhos porque tinham formas de conhecimento estranho e eliminaram-se formas de conhecimento estranho porque eram sustentadas por práticas sociais e povos estranhos. Mas o epistemicídio foi muito mais vasto que o genocídio porque ocorreu sempre que se pretendeu subalternizar, subordinar, marginalizar, ou ilegalizar práticas e grupos sociais que podiam ameaçar a expansão capitalista ou, durante boa parte do nosso século, a expansão comunista (neste domínio tão moderno quanto a capitalista); e também porque ocorreu tanto no espaço periférico, extra-europeu e extra-norte-americano do sistema mundial, como no espaço central europeu e norte-americano, contra os trabalhadores, os índios, os negros, as mulheres e as minorias em geral (étnicas, religiosas, sexuais). (SANTOS, 1995, p. 328).

Com o apagamento em andamento, o genocídio das produções de grupos minoritários foram ceifando possibilidades de expansão do conhecimento que não fosse o eurocêntrico. Falar partindo da ótica descolonizada, produz dentro de uma sociedade sistematicamente racista outros sentidos de vivências.

A promulgação da Lei Nº 11.645, de 10 Março de 2008, coloca sob lei federal o ensino obrigatório do estudo da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, de ordem pública ou privada. Isso ocorre como uma forma de desacelerar um sistemático epistemicídio que ocorre desde a suposta abolição da escravatura.



---

<sup>29</sup> Segundo Sueli Carneiro o racismo epistêmico tem sido uma ferramenta que opera fortemente para as consolidações das hierarquias raciais que são produzidas pelo epistemicídio (CARNEIRO, 2005).

O ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena nas escolas públicas se faz necessário na medida em que a historiografia do Brasil passa por um momento de deslegitimação da humanidade de pessoas negras e indígenas, os quais são tidos como específicos, abjetos e distantes de uma sociedade pautada no eurocentrismo. Estudos neste sentido visam contribuir com possibilidades da aplicação da lei de forma integral em escolas públicas da cidade de São Paulo, usando o Museu Afro Brasil como um caminho para preencher a lacuna no debate no que concerne à História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena, já que mesmo após a promulgação da lei, as escolas dificilmente seguem os parâmetros estabelecidos no plano de ensino.

Nessa direção, o presente estudo tem o objetivo de contribuir para a implementação efetiva da Lei Nº 11.645/08 nas escolas públicas da cidade de São Paulo por meio do Museu Afro Brasil, fazendo uma análise crítica da problemática para entendermos onde reside o déficit dentro do âmbito escolar. Considerando as peculiaridades de cada região da cidade de São Paulo, o presente texto tem a pretensão de apresentar possibilidades da implementação da lei tendo como ponto de partida o Museu Afro Brasil e a argumentação feita por Herbert Marcuse no capítulo nono da obra *Eros e Civilização*, em que se discute a possibilidade de uma sociedade não-repressiva por meio da formalidade estética. Tendo em vista que falaremos do assunto partindo do macro, pode-se pensar posteriormente a finalização do artigo, a análise de cada região da cidade de São Paulo com os museus locais, sempre levando em consideração as diferenças individuais que compõem um determinado espaço. Entendendo o museu como um espaço de equipamento social que tem a pretensão de orientar os alunos através de uma educação não-formal, pretendendo “suscitar o debate acerca do significado da presença negra na história da arte e cultura nacional” (SILVA, 2013, p. 124).

## MUSEU AFRO BRASIL

A exposição do acervo do Museu Afro Brasil pretende contar uma outra história brasileira. (...) tem a intenção de desconstruir um imaginário da população negra, construído fundamentalmente pela ótica da inferioridade ao longo da nossa história e transformá-lo em um imaginário estabelecido no prestígio, na igualdade e no pertencimento, reafirmando assim o respeito por uma população matriz de nossa brasilidade. (Ana Lucia Lopes, Coordenadora de Planejamento Curatorial)

Desde 10 de Março de 2008, quando a Lei Nº 11.645/08 foi sancionada com a obrigatoriedade do conteúdo programático sobre o ensino da história e da cultura negra e indígena no Brasil nas áreas de educação artística, literária e histórica, o Museu Afro Brasil passou a se tornar um cenário de perspectivas de uma educação não-formal que atende demandas quanto ao déficit da aplicação da lei na prática. Segundo Matos (2013), o Museu acaba preenchendo “dois requisitos, pois é procurado por professores que buscam formação, bem como suas exposições podem ser o ponto de partida para o planejamento de uma ação educativa na escola” (MATOS, 2013, p.15).

O projeto curatorial do Museu Afro Brasil, tem como objetivo apresentar um conceito que permite conversar a partir da ótica da experiência do negro, trazendo consigo a identidade diáspórica africana, que busca “a desconstrução de estereótipos e a união entre história, memória, cultura e contemporaneidade para narrar uma heroica saga africana, desde antes da trágica epopeia da escravidão até os nossos dias atuais [...]” (MATOS, 2013, p.17).

A temática envolvida no Museu Afro Brasil, mostra a relação entre África e Brasil, partindo do aspecto do tráfico atlântico<sup>30</sup> que resultou na expropriação da humanidade dos povos negros, mas que, por outro lado, trouxe diversos aspectos culturais que foram incrementados no território brasileiro, tais como: a



---

<sup>30</sup> O primeiro momento que marca a história do conceito de Razão Negra é o Tráfico Atlântico (séc. XV ao XIX), que usava o “ser negro” como ‘objeto’ e ‘moeda de troca’ no processo do tráfico-atlântico no período da escravidão, eles deixam de ter autonomia e passam a pertencer aos outros.

influência da culinária, dança, música, capoeira e até na própria língua portuguesa, que persistem até hoje no dia a dia do brasileiro.

Pensar o Museu Afro Brasil dentro dos parâmetros da Lei Nº 11.645/08 é visualizar no horizonte de uma sociedade igualitária e não repressiva, a presença negra e indígena no Brasil não como algo do passado, mas pensar em corpos e histórias que estão vivas no presente. Para que isso seja reproduzido na sociedade de forma orgânica, trazemos a instituição enquanto um equipamento social capaz de fazer o papel de mediador “entre o público e as exposições de forma a tornar a narrativa mais compreensível e receptiva para o visitante, com o objetivo final de cumprir sua proposta museológica” (MATOS, 2013, p.17).

A seguir destacamos 6 núcleos: África: Diversidade e Permanência, Trabalho e Escravidão, As Religiões Afro-Brasileiras, O Sagrado e o Profano, História e Memória e Artes Plásticas: a Mão Afro Brasileira, que dividem as 6 mil obras, entre esculturas, pinturas, gravuras, fotografias, documentos e peças etnológicas.

31

**TABELA 1 - EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS DO MUSEU AFRO BRASIL**

EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS	RESUMO
África: Diversidade e Permanência	Núcleo dedicado à riqueza cultural, histórica e artística dos povos africanos. Exibe obras das mais variadas funcionalidades e concepções estéticas, que demonstram a competência técnica dos seus autores e exemplificam a imensa diversidade desse continente. Nas vitrines estão expostas desde máscaras e estatuetas feitas em madeira, bronze e marfim até vestimentas bordadas em fios de ouro, todas originárias de diferentes países e grupos culturais como Attie (Costa do Marfim), Bamileque (Camarões), Luba (Rep. Democrática do Congo), Tchokwe (Angola) e Iorubá (Nigéria). (Museu Afro Brasil, <a href="http://www.museuafrobrasil.org.br/programacao-cultural/exposicoes/longa-duracao">http://www.museuafrobrasil.org.br/programacao-cultural/exposicoes/longa-duracao</a> )
Trabalho e Escravidão	Núcleo que tem o objetivo de ressaltar os saberes e tecnologias trazidas pelos africanos escravizados no campo do trabalho. Tanto no ambiente rural quanto no urbano, o conhecimento dos africanos foi

<sup>31</sup> Fonte: Museu Afro Brasil. pág web: <http://www.museuafrobrasil.org.br/programacao-cultural/exposicoes/longa-duracao>.

	<p>determinante para o desenvolvimento dos ciclos econômicos. Além de pinturas, gravuras e esculturas retratando parte dessas contribuições, os visitantes podem apreciar documentos e outros objetos ligados ao mundo do trabalho, tais como máquinas de moer cana, fôrmas para fabrico do açúcar e ferramentas de carpinteiros e ferreiros. (Museu Afro Brasil, <a href="http://www.museuafrobrasil.org.br/programacao-cultural/exposicoes/longa-duracao">http://www.museuafrobrasil.org.br/programacao-cultural/exposicoes/longa-duracao</a>)</p>
<p><b>As Religiões Afro-Brasileiras</b></p>	<p>Núcleo consagrado às religiões e cultos brasileiros que possuem matriz africana. Visões de mundo e mitologias são ressaltadas por meio de rica iconografia, com destaque ao panteão de santos, orixás e outras entidades cultuadas no Brasil. No espaço reservado ao núcleo podem ser observadas vestimentas de Egungun e de orixás, instrumentos musicais, além de pinturas, gravuras, esculturas, instalações e fotografias dedicadas ao tema. (Museu Afro Brasil, <a href="http://www.museuafrobrasil.org.br/programacao-cultural/exposicoes/longa-duracao">http://www.museuafrobrasil.org.br/programacao-cultural/exposicoes/longa-duracao</a>)</p>
<p><b>O Sagrado e o Profano</b></p>	<p>Nesse núcleo estão representadas festividades celebradas no Brasil, ligadas ao sagrado e celebradas no espaço festivo da rua. Muitas das festas populares brasileiras, como a Congada e o Maracatu, remetem ao período colonial e eram consideradas espaços de sociabilidade aproveitados pelos africanos escravizados para celebrarem suas tradições e manterem suas identidades culturais. Assim, em diversas festas brasileiras é possível encontrar instrumentos musicais de origem africana, símbolos relacionados a antigos reinos do continente, materializados no núcleo através de máscaras, bandeiras e vestimentas. (Museu Afro Brasil, <a href="http://www.museuafrobrasil.org.br/programacao-cultural/exposicoes/longa-duracao">http://www.museuafrobrasil.org.br/programacao-cultural/exposicoes/longa-duracao</a>)</p>
<p><b>História e Memória</b></p>	<p>Núcleo dedicado à história e memória de importantes personalidades negras que se destacaram em diversas áreas do conhecimento, desde o período colonial até os dias de hoje. Fotografias e documentos exaltam a trajetória de escritores como Carolina Maria de Jesus, autora do livro Quarto de Despejo; dos engenheiros da família Rebouças, além de outros notáveis como Teodoro Sampaio, importante geógrafo e arquiteto cujo nome foi atribuído, em sua homenagem, a uma conhecida rua de São Paulo. (Museu Afro Brasil, <a href="http://www.museuafrobrasil.org.br/programacao-cultural/exposicoes/longa-duracao">http://www.museuafrobrasil.org.br/programacao-cultural/exposicoes/longa-duracao</a>)</p>
<p><b>Artes Plásticas: a Mão Afro Brasileira</b></p>	<p>O Núcleo de Artes Plásticas expõe obras que perpassam diferentes períodos da arte no Brasil, desde o Barroco e o Rococó, o século XIX e a arte acadêmica, bem como a Arte Popular, a Arte Moderna e a Contemporânea. Dentre os artistas expostos destacam-se Estevão Roberto da Silva e os artistas contemporâneos Rosana Paulino, Rubem Valentim, Mestre Didi, entre outros. Em meio às produções contemporâneas são também exibidas obras de artistas africanos e afro-americanos, como Gerard Quenum, Zinkpé e Melvin Edwards. (Museu Afro Brasil, <a href="http://www.museuafrobrasil.org.br/programacao-cultural/exposicoes/longa-duracao">http://www.museuafrobrasil.org.br/programacao-cultural/exposicoes/longa-duracao</a>)</p>





Tabela 1: Fonte: Museu Afro Brasil. Confecção Própria.

Dentro das 6 exposições temporárias é possível visualizar uma significância na história sobre a contribuição dos negros à cultura nacional. Silva (2013), diz que as exposições de longa duração consistem

de certa forma fazer um percurso por todos os momentos que serviram para fomentar o projeto de construção de uma entidade museal que surge das lacunas, dos vazios, dos silêncios que se condensam e colaboram para a manutenção do equívoco assentado na noção reducionista que atribui aos africanos e afro-brasileiros nada mais do que meras referências ao trabalho braçal (SILVA, 2013, p.132).

Por isso, não há dúvidas sobre o papel do Museu Afro Brasil dentro da estrutura da sociedade, qual seja, de fazer com que suas exposições possam produzir e reproduzir a história silenciada. Mostrar que para além das artes tidas como "hegemônicas", a contribuição negra à cultura pode ir além do trabalho braçal, "folclórica" ou fantasiadas comicamente. E nesse sentido, as produções negras, ou inspiradas nelas, precisam ter uma visibilidade até o esgotamento, por representar o não-universal, ou seja, representa o "outro", o "menos salientado pela crítica em função do menosprezo de que é alvo" (SILVA, 2013, p.133).

Entendido o papel do Museu Afro Brasil (MAB) enquanto um espaço de ressignificação e ampliação das narrativas do povo negro, é necessário entender como este equipamento social, pode contribuir para uma educação não-repressiva, uma educação que fortaleça o comprometimento com a história que não foi contada. Para isso, buscamos encontrar quais são as possibilidades que o MAB pode designar enquanto uma instituição potencializadora das pulsões e da educação, recorrendo à argumentação marcusiana acerca do caminho pelo qual faz-se uma educação estética contra uma cultura repressora e laboral.

## **PULSÕES ESTÉTICAS ENQUANTO POSSIBILIDADE DE UMA EDUCAÇÃO NA REPRESSIVA**

Herbert Marcuse, em *Eros e Civilização*, pretende mostrar os caminhos pelos quais seria possível “reencontrar um sentido autêntico para a vida” (JIMENEZ, 1999, p. 339), em outras palavras, o autor busca restituir o aspecto humano da humanidade: demarcando o caminho para que o homem consiga sair da constituição social, psíquica e política da mais repressão.

Quando nos deparamos com a possibilidade de implementação de uma lei que, em muitos sentidos, pode abrir as portas para essa restituição do aspecto humano que Marcuse refere-se, pensamos em responder a seguinte questão: afinal, qual a ligação de Marcuse e sua obra com o Museu Afro Brasil enquanto possibilidade de ensino?

O nono capítulo da obra de Marcuse intitulado *A dimensão estética*, busca demonstrar de que forma o impulso sensual<sup>32</sup> é a chave necessária para que o homem encontre a saída dessa sociedade da mais repressão. Primeiro, é necessário entender os aspectos basilares pela qual a mais repressão está fundada.

De modo rudimentar, trata-se de uma organização social voltada para a conquista e o adiamento das gratificações pulsionais<sup>33</sup>. A repressão realiza-se na medida em que o trabalho e constituição dessa organização não se voltam para uma autoconservação da espécie humana<sup>34</sup>, e sim para uma abundância material não distribuída em nome de uma cultura afirmativa<sup>35</sup>.

---

<sup>32</sup> Marcuse explica a razão pelo impulso ser denominado de sensual. Trata-se de ambiguidade etimológica do termo em alemão: “No alemão, sensualidade e sensualismo ainda não expressos por uma só palavra: Sinnlichkeit. Tanto expressa a gratificação instintiva (especialmente a sexual) como a percepção sensório-cognitiva e sua representação (sensação). Essa dupla conotação é preservada na linguagem cotidiana e filosófica e mantém-se no uso do termo Sinnlichkeit para o fundamento da estética. Aqui, o termo designa as faculdades cognitivas inferiores (opacas, confusas) do homem, mais o sentimento de dor e prazer sensações mais afetivas.” (MARCUSE, 1975, p. 163)

<sup>33</sup> “A livre gratificação das necessidades instintivas do homem é incompatível com a sociedade civilizada: renúncia e dilatação na satisfação constituem pré-requisitos do progresso. Disse Freud: A felicidade não é um valor cultural. A felicidade deve estar subordinada à disciplina do trabalho como ocupação integral, à disciplina da reprodução monogâmica, ao sistema estabelecido de lei e ordem” (MARCUSE, 1975, p. 27)

<sup>34</sup> “[...] A civilização confia, em grande medida, na autoridade racional, baseada no conhecimento e na necessidade, e almejando à proteção e conservação da vida” (MARCUSE, 1975, p. 194)

<sup>35</sup> O que entende Marcuse por “cultura afirmativa”? A ideia é simples. A cultura ocidental, herdeira da Antiguidade, desenvolveu-se a partir da ideia de que existe um mundo de valores espirituais e morais superior à realidade material, prosaica e laboriosa. esse universo nasce da aspiração, que há homens, de escapar de sua situação existencial, forjando ideias válidas



Podemos notar que teoria de Marcuse é uma aproximação e interpretação dos pensamentos de Marx e Freud:

Marx observa igualmente a desproporção entre o acúmulo de riquezas através do capital, potencialmente fonte de felicidade para todos, e a sorte pouco invejável reservada a categoria social mais numerosa [...] Quanto a Freud, ele faz um diagnóstico nitidamente pessimista do estado da civilização europeia entre as duas guerras. Não reconhece que o indivíduo paga um alto preço pela felicidade prometida pela civilização, ou seja, satisfação adiada das pulsões, obrigação de adaptar-se à realidade, sacrifício da libido? não levanta a hipótese audaciosa segunda a qual a própria humanidade teria-se tornado neurótica por causa dos esforços exigidos para a edificação da civilização? (JIMENEZ, 1999, p. 340)

Contudo, qual seria a ligação da arte com o ensino? Marcuse, no curso de sua argumentação, busca demonstrar como a arte e o impulso estético podem vir a ser uma força libertadora para o homem. Com a aplicação da Lei 11.645/08 que pretende incentivar o estudo das matrizes da história e cultura afro-brasileira e indígena, o MAB passa a ser uma possibilidade de, por meio do impulso estético, realizar aquilo que o autor denominaria de equilíbrio das pulsões superiores e inferiores<sup>36</sup>, em outras palavras, as pulsões racionais e pulsões estéticas.

Como visto, com organização social cultural que valoriza a razão para o princípio de rendimento capitalista, não resta espaço para que o campo estético artístico possa surgir como uma possibilidade de conhecimento, como nota Eliseu Amaro:

A constituição de novos modelos de sociedades, em novos espaços geográficos e novas formas de produção econômica acabam por criar demandas nessas novas sociedades, cada vez mais complexas que produzem

---

universalmente: ideal de beleza, de heroísmo, de realização pessoal, mas também de bondade, de justiça, de liberdade, de solidariedade e de felicidade. As paixões e as afeições humanas, como o amor, a amizade, a atitude nobre e a coragem diante da morte são igualmente idealizadas e sublimadas.” (JIMENEZ, 1999, p.337)

<sup>36</sup> Trata-se da dicotomia entre a razão, enquanto superior, e a sensualidade, enquanto inferior. “O termo visa a uma esfera que preserva a verdade dos sentidos e reconcilia, na realidade da liberdade, as faculdades inferiores e superiores do homem, sensualidade e intelecto, prazer e razão” (MARCUSE, 1975, p. 156)

processos de inclusão e exclusão sociais que atendam às necessidades de um sistema que produz muitas riquezas para poucos e alarga a pobreza e a situação de subalternidade para a maior parte da população. (AMARO, 2019, p. 2)

Esse impulso sensual reprimido que o Museu evidencia é uma força contra a repressão estabelecida pelos impulsos e fortemente mantida pelo princípio de realidade do desempenho. A arte, seja em museus ou em outras expressões, é uma das pontas de um impulso da ficção que não se desintegrou totalmente nessa diluição dos impulsos superiores: ela permanece enquanto fantasia e utopia. Tem seu papel de lembrar o caminho e a possibilidade para uma sociedade da não repressão. “A arte desafia o princípio de razão predominante; ao representar a ordem da sensualidade, invoca uma lógica tabu, a lógica da gratificação, contra a da repressão” (MARCUSE, 1975, p. 165).

Para chegar nessa meta de uma sociedade não repressiva é necessário que haja o equilíbrio entre as faculdades superiores e inferiores. Esse equilíbrio proporciona a não repressão do impulso estético na psique do indivíduo e, em conjunto, possibilita uma razão estética e uma estética racional: um ‘trabalho’ conjunto entre as faculdades mentais que, em ações, possibilitaria um viés de liberdade para o homem que já não mais seria condicionado a uma razão avassaladora que determina todas as regras que autorizam um princípio de realidade de desempenho.

Esse desequilíbrio das pulsões autoriza uma gama de repressões contra diversas formas que possam ser julgadas contrárias ao caminho do princípio de desempenho. Eliseu Amaro, em seu artigo acerca do epistemicídio e as estratégias utilizadas para matar o conhecimento não eurocêntrico, destaca como a razão tem papel principal para justificar as ações que são injustificáveis<sup>37</sup>:

Ele parte de dois pilares da colonização; a doutrinação cristã e a crença dos europeus em afirmarem que eram os únicos homens a possuírem o pensamento racional.

---

<sup>37</sup> Injustificável pois, mesmo em estado de mais repressão, a sociedade se organiza de tal modo que reconhece o momento correto para ‘segurar e soltar’ as ações morais dos homens, visando a autoconversação de sua repressão.



Isso significa que apenas os europeus do sexo masculino eram homens, por consequência seres humanos. [...] O pensamento ocidental se pautou na legitimidade da razão para construir dogmas que anulassem a existência de qualquer outro tipo de humanidade. Era preciso negar a humanidade de povos não-europeus para que assim pudessem controlá-los por meio da força, da vigilância e do poder. (AMARO, 2019, p. 5)

Essa razão reprimida para a repressão geral não apenas justifica as ações, mas cria as condições necessárias que elas sejam realizadas. Esse movimento de criação perpassa por diversas áreas da racionalidade e para tornar-se convincente ao indivíduo, é necessário que ela esteja de acordo com as principais fontes de saber de determinada época, aquelas que influenciam o pensamento e as ações de cada um:

No que se refere à construção do conceito de raça a filosofia ocidental contribuiu com a fundamentação ontológica do racismo epistêmico, formando assim uma tríade que envolve as áreas do conhecimento e cultura sendo elas; a teológica, a filosófica e a científica, todas elas serviram aos interesses de uma política que tinha como objetivo expandir a colonização e capitalismo. (AMARO, 2019, p. 8)

É nesse sentido que se faz necessário realizar ações para que seja possível esse equilíbrio das faculdades que Marcuse nos evidencia. É preciso que haja algum mediador entre essas duas pulsões (racional e sensual), para que seja possível tornar essa relação utópica do homem com seus sentidos empíricos em princípio de realidade. É tendo isso em vista que Marcuse lança mão da argumentação de Schiller em *As Cartas Sobre a Educação Estética do Homem* (1795), onde o autor denomina esse impulso mediador de 'impulso lúdico' que agiria como mediador entre as pulsões inferiores e superiores. Nas palavras de Marcuse “Schiller define esse terceiro impulso mediador como o impulso lúdico, tendo por objetivo a beleza e por finalidade a liberdade.” (MARCUSE, 1975, p. 166)

O museu demonstra sua importância nessa relação: ele é, dentro do princípio de realidade da mais repressão, um estopim para que essa ‘revolução’ das faculdades possa surgir; para que esse jogo das livres faculdades apareça. Evidentemente que, dentro desse princípio desfavorável, o museu (as formas que tencionam o impulso sensual) não passam do irreal, não saem do campo da fantasia, mas é justamente nesse campo da fantasia que surge a possibilidade dessa retomada: “Ainda outro elemento liga a Filosofia estética às imagens órfica e narcisista: a visão de uma ordem não-repressiva em que o mundo subjetivo e objetivo, o homem e a natureza, se harmonizam” (MARCUSE, 1975, p. 172).

Essa visão de uma ordem não repressiva está no campo da estética e da fantasia, e por mais que seja utópica, tem sua força e necessidade. A fantasia não desaparece no indivíduo, ela permanece mesmo diante de um princípio de desempenho arrebatador, por não desaparecer, mantém essa visão constante de uma civilização de ordem livre que é potencializada pelas artes, pelos museus e suas obras que são, por si, expressões sensíveis dessa fantasia, pois “na esfera da fantasia, as imagens irracionais de liberdade tornam-se racionais, e as profundezas vis da gratificação instintiva assumem uma nova dignidade” (MARCUSE, 1975, p. 147).

Não basta apenas mostrar que a fantasia tem um importante papel na demonstração dos caminhos para a liberdade, é necessário apontar a verdade que essa fantasia construiu durante o curso da história da humanidade. Para isso, Marcuse utiliza de alguns exemplos "folclóricos".

O primeiro citado é o de Prometeu<sup>38</sup>, que trata-se do arquétipo do princípio de desempenho, do princípio vigente na sociedade. “E logo de saída

---

<sup>38</sup> “Prometeu era um dos titãs, uma raça gigantesca, que habitou a Terra antes do homem. Ele e seu irmão Epimeteu foram incumbidos de fazer o homem e assegurar-lhe, e aos outros animais, todas as faculdades necessárias à sua preservação. Epimeteu encarregou-se da obra e Prometeu, de examiná-la, depois de pronta. Assim, Epimeteu tratou de atribuir a cada animal seus dons variados, de coragem, força, rapidez, sagacidade; asas a um, garras a outro, uma carapaça protegendo um terceiro etc. Quando, porém, chegou a vez do homem, que tinha de ser superior a todos os outros animais, Epimeteu gastara seus recursos com tanta prodigalidade que nada mais restava. Perplexo, recorreu a seu irmão Prometeu, que, com a ajuda de Minerva, subiu ao céu e acendeu sua tocha no carro do sol, trazendo o fogo para o homem. Com esse dom, o homem assegurou sua superioridade sobre todos os outros animais. O fogo lhe forneceu o meio de construir as armas com que subjogou os animais e as ferramentas com que cultivou a terra;



nos defrontamos com o fato de que o herói cultural predominante é o embusteiro e o rebelde (sofredor) contra os deuses, que cria a cultura à custa do sofrimento perpétuo” (MARCUSE, 1975, p. 147). A imagem de Prometeu é intrinsecamente ligada com a imagem do homem e a do trabalho e, por sua vez, a do sofrimento da culpa por sua própria obra. Na mesma linha, a imagem de Pandora<sup>39</sup> representa a imagem feminina dentro do princípio de desempenho, ou seja: “sexualidade e prazer, surge como maldição desintegradora, destrutiva” (MARCUSE, 1975, p. 147), a sensualidade que a imagem feminina representa e carrega é nociva ao desempenho.

Na contramão dessas imagens representantes do desempenho, há as imagens que respaldam a possibilidade do equilíbrio das faculdades, as imagens ligadas com a sensualidade e a natureza. São elas as figuras de Orfeu<sup>40</sup> e Narciso<sup>41</sup>, que “simbolizam uma realidade muito diferente” (MARCUSE, 1975,

---

aquecer sua morada, de maneira a tornar-se relativamente independente do clima, e, finalmente, criar a arte da cunhagem das moedas, que ampliou e facilitou o comércio” (BULFINCH, 2002, p. 19)

<sup>39</sup> “A mulher não fora ainda criada. A versão (bem absurda) é que Júpiter a fez e enviou-a a Prometeu e a seu irmão, para puni-los pela ousadia de furtar o fogo do céu, e ao homem, por tê-lo aceito. A primeira mulher chamava-se Pandora. Foi feita no céu, e cada um dos deuses contribuiu com alguma coisa para aperfeiçoá-la. Vênus deu-lhe a beleza, Mercúrio, a persuasão, Apolo, a música etc. Assim dotada, a mulher foi mandada à Terra e oferecida a Epimeteu, que de boa vontade a aceitou, embora advertido pelo irmão para ter cuidado com Júpiter e seus presentes. Epimeteu tinha em sua casa uma caixa, na qual guardava certos artigos malignos, de que não se utilizara, ao preparar o homem para sua nova morada. Pandora foi tomada por intensa curiosidade de saber o que continha aquela caixa, e, certo dia, destampou-a para olhar. Assim, escapou e se espalhou por toda a parte uma multidão de pragas que atingiram o desgraçado homem, tais como a gota, o reumatismo e a eólica, para o corpo, e a inveja, o despeito e a vingança, para o espírito. Pandora apressou-se em colocar a tampa na caixa, mas, infelizmente, escapara todo o conteúdo da mesma, com exceção de uma única coisa, que ficara no fundo, e que era a esperança. Assim, sejam quais forem os males que nos ameacem, a esperança não nos deixa inteiramente; e, enquanto a tivermos, nenhum mal nos torna inteiramente desgraçados” (BULFINCH, 2002, p. 20-22)

<sup>40</sup> Orfeu, filho de Apolo e da musa Calíope, recebeu de seu pai, como presente, uma lira e aprendeu a tocar com tal perfeição que nada podia resistir ao encanto de sua música. Não somente os mortais, seus semelhantes, mas os animais abrandavam-se aos seus acordes e reuniam-se em torno dele, em transe, perdendo sua ferocidade. As próprias árvores eram sensíveis ao encanto, e até os rochedos. As árvores ajuntavam-se ao redor de Orfeu e as rochas perdiam algo de sua dureza, amaciadas pelas notas de sua lira “ (BULFINCH, 2002, p. 224)

<sup>41</sup> “Havia uma fonte clara, cuja água parecia de prata, à qual os pastores jamais levavam rebanhos, nem as cabras monteses freqüentavam, nem qualquer um dos animais da floresta. Também não era a água enfeada por folhas ou galhos caídos das árvores; a relva crescia viçosa em torno dela, e os rochedos a abrigavam do sol. Ali chegou um dia Narciso, fatigado da caça, e sentindo muito calor e muita sede. Debruçou-se para desalterar-se, viu a própria imagem refletida na fonte e

p. 148). Eles estão no pólo oposto. Enquanto a imagem de Prometeu e Pandora são sinônimos da labuta, da culpa e do desempenho, a imagem Órfica é a liberdade, a união do homem com a natureza, a exibição, a dominação do tempo<sup>42</sup>, “da alegria e da plena fruição” (MARCUSE. 1975, p.148).

Não se converteram em heróis culturais do mundo ocidental, a imagem deles é a da alegria e da plena fruição; a voz que não comanda, mas canta; o gesto que oferece e recebe; o ato que é paz e termina com as labutas de conquista; a libertação do tempo que une o homem com deus, o homem com a natureza. (MARCUSE, 1975. p. 148)

É a revolta contra essa cultura. Representa tudo aquilo que o equilíbrio entre as faculdades pode trazer. Trata-se da possibilidade de conhecer a si mesmo pelo impulso sensual, de livrar-se do domínio dessa cultura repressiva, “[...] a experiência de um mundo que não vai ser dominado e controlado, mas liberado” (MARCUSE, 1975, p. 150).

Contudo, ainda estamos na cultura do desempenho e da repressão, logo qualquer tentativa de trazer essas imagens para a realidade será apenas uma experiência de frustração. O princípio de desempenho as limita no campo artístico, elas “se fundem com as conotações que receberam sob o princípio repressivo da realidade” (MARCUSE, 1975, p. 150). Somente as imagens prometeicas designam um sentido em ação dentro dessa civilização repressiva, elas potencializam no fator psíquico e histórico, enquanto as órficas:

---

pensou que fosse algum belo espírito das águas que ali vivesse. Ficou olhando com admiração para os olhos brilhantes, para os cabelos anelados como os de Baco ou de Apolo, o rosto oval, o pescoço de marfim, os lábios entreabertos e o aspecto saudável e animado do conjunto. Apaixonou-se por si mesmo. Baixou os lábios, para dar um beijo e mergulhou os braços na água para abraçar a bela imagem. Esta fugiu com o contato, mas voltou um momento depois, renovando a fascinação. Narciso não pôde mais conter-se. Esqueceu-se de todo da idéia de alimento ou repouso, enquanto se debruçava sobre a fonte, para contemplar a própria imagem.” (BULFINCH, 2002, p. 124-125)

<sup>42</sup> A brevidade do tempo passa a ser um problema pois limita o homem e pode tornar-lhe improdutivo (não se trata aqui de produção laboral, e sim produção enquanto vida), diante sua finitude. “Mas o inimigo fatal da gratificação duradoura é o tempo, a finitude íntima, a brevidade de todas as condições e estados. Portanto, a ideia de integral libertação humana contém, necessariamente, a visão de uma luta contra o tempo. Já vimos que as imagens órfica e narcisista simbolizam a rebelião contra o transitório, o esforço desesperado para sustar o fluir do tempo a natureza conservadora do princípio de prazer.” (MARCUSE, 1975, p.170)





O Eros órfico e narcisista desperta e liberta potencialidades que são reais nas coisas animadas e inanimadas, na natureza orgânica e inorgânica reais, mas suprimidas na realidade não erótica. Essas potencialidades circunscrevem o *telos* que lhes é inerente como “ser apenas o que são”, “ser-aí”, existir. (MARCUSE, 1975, p. 151)

O ponto é que, mesmo em um princípio de repressão, há presente o arquétipo histórico da representação de uma sociedade da liberdade, arquétipo que se figura na imagem artística de eros e sensualidade, de um homem que segue seu caminho livre em conjunto com a natureza, e não mais reprimindo o natural e seus feitos. Essa imagem de um outro princípio pautado na liberdade e reconciliação com a natureza, reside na psique do homem, está no campo da fantasia e da arte. Ela é expressa nos campos artísticos sempre como uma irrealidade, mas é necessário olhar para ela como uma possibilidade: “Por outras palavras, o narcisismo pode conter o germe de um diferente princípio de realidade [...]” (MARCUSE, 1975, p. 154). Orfeu e Narciso marcam a possibilidade histórica de uma sociedade fora do campo da dominação: “Essas imagens referem-se à dimensão estética como sendo aquela em que o princípio de realidade das mesmas deve ser procurado e validado” (MARCUSE, 1975, p. 155).

Temos um alicerce histórico e pulsional, mas como fazemos para esses conceitos tornarem-se evidentes na educação?

Como vimos anteriormente, o caminho psicanalítico para tornar esse objetivo marcusiano em uma realidade se faz pelo equilíbrio das faculdades já

denominadas por Kant<sup>43</sup> como razão prática e teórica<sup>44</sup>. Como “[...] toda a sublimação começaria com a reativação da libido narcisista, que de algum modo extravasa e se estende aos objetos.” (MARCUSE, 1975, p. 154), podemos pensar de que forma o museu, enquanto extrapolação estética empírica, pode acentuar nosso impulso sensual e abrir os caminhos para uma educação social não repressiva.

Como afirma Jimenez (1999, p.344), “de todas as atividades humanas, colocadas em sua maioria sob o controle da razão, somente a arte pode ainda, em sua opinião, esboçar a utopia”, a arte pode esboçar algo fora do princípio de realidade, portanto, ela é uma alternativa para que possamos tratar de uma educação contramão da repressão. O conjunto da Lei 11.645/08 e o Museu Afro Brasil é um grande caminho para esse objetivo.

Trata-se especificamente do Museu Afro Brasil pois, com o aumento do domínio da razão, as artes são passíveis de serem voltadas para um cultura afirmativa de si, como destaca Jimenez:

[...] a cultura tende a tornar-se afirmativa. Ela não critica mais a sociedade propondo ao público uma outra

---

<sup>43</sup> Fazemos uso dos conceitos e ideias Kantianas que fazem parte da argumentação de Marcuse, mas levamos em conta suas ações morais, como escreve Amaro (2019, p 10): “Seguindo a mesma linha de pensamento a respeito dos negros, Immanuel Kant (1724- 1804) constrói a sua noção de superioridade da raça branca em ao menos quatro de suas obras; Das diferentes raças humanas; Determinação do conceito de raça humana, Antropologia do ponto de vista pragmático e Observações sobre o sentimento do belo e do sublime. Kant reforça a noção de superioridade da raça branca europeia tal como Hume: “os negros da África não possuem, por natureza, nenhum sentimento que se eleve acima do ridículo. O senhor Hume desafia qualquer um a citar um único exemplo em que um negro tenha demonstrado talentos, e afirma: dentre os milhões de pretos que foram deportados de seus países, não obstante muitos deles terem sido postos em liberdade, não se encontrou um único sequer que apresentasse algo de grandioso na arte ou na ciência, ou em quer outra aptidão; já entre brancos, constantemente arrojam-se aqueles que, saídos da plebe mais baixa, adquirem no mundo certo prestígio, por forma de dons excelentes. Tão essencial é a diferença entre essas duas raças humanas, que parece ser tão grande em relação às capacidades mentais quanto a diferença de cores. [...] Os negros são muito vaidosos, mas à sua própria maneira, e tão matraqueadores, que se deve dispersá-los a pauladas.” (KANT, 1993, p.76/77)

<sup>44</sup> “A razão prática constitui a liberdade sob leis morais auto-outorgadas, para fins morais; a razão teórica constitui a natureza sob as leis da causalidade. O domínio da natureza é totalmente diferente do domínio da liberdade; nenhuma autonomia subjetiva pode violar as leis da causalidade e nenhum dado sensorial pode determinar a autonomia do sujeito (pois, caso contrário, o sujeito não seria livre). [...] Enquanto a razão teórica (entendimento) fornece os princípios apriorísticos da cognição e a razão prática os do desejo (vontade), a faculdade de julgamento é a medianeira entre essas duas, em virtude do sentimento de dor e prazer.” (MARCUSE, 1975, p.157)



maneira de viver, suscitando uma aspiração para transformar a existência presente. Através do herói nacional, do gângster, da estrela, do grande patrão, da figura carismática, ela se contenta em expor variantes de uma vida idêntica, e essas variantes não “servem mais para negar a ordem estabelecida, elas servem para afirmá-la”. (JIMENEZ, 1999, p. 346)

O MAB é, em essência, contra uma cultura voltada a si mesma pois, como sabemos, recorda um período que, por meio do predomínio da razão eurocêntrica, busca ser esquecido por um todo.

Nas palavras de Emanuel Araújo, idealizador do Museu Afro Brasil com todo seu feito, o museu pretende “celebrar o que ainda não foi possível de fato: a inclusão de nossa ainda desconhecida gente, mesmo depois de tantos anos de construção desta identidade brasileira e universal saída novamente do lado de cá do Atlântico”<sup>45</sup>.

## CONCLUSÃO

“O Brasil é um país extraordinariamente africanizado. E só quem não conhece a África pode escapar o quanto há de africano nos gestos, nas maneiras de ser e de viver no sentimento estético do brasileiro”. (COSTA E SILVA, 1994, V.8)

Este artigo tem a pretensão de mostrar as possibilidades existentes para a implementação da lei 11.645/08 nas redes de escolas públicas de São Paulo, de uma maneira didática e acessível. A contribuição do Museu Afro Brasil (MAB) esta presente desde a sua criação, seu assentamento na sociedade brasileira até os dias atuais. Para além das 6 obras temporárias, o MAB oferece ações educativas, exposições permanentes e outras atividades que contribuem para a formação da criança, jovem e adulto.

A contribuição da teoria marcusiana para a possibilidade da implementação da lei 11.645/08 é fortemente teórica e filosófica. Como vimos,

---

<sup>45</sup> ARAÚJO, E. Museu Afro Brasil – um conceito em perspectiva Ed: Cit. p. 15

toda a argumentação do nono capítulo da obra gira em torno da possibilidade de uma sociedade não-repressiva por meio da pulsão estética: pela inversão e, por sua vez, equilíbrio, das faculdades dominantes do indivíduo. Abrindo as portas, novamente, para aquilo que é sensível, livre e duradouro. Nesse novo princípio de realidade o trabalho não é laboral, ele é contemplação, é prazer e satisfação das pulsões. Para que seja possível esse nível de realidade, Marcuse demarca que é necessário chegar a um nível de maturidade social: trata-se de abundância material e intelectual. É preciso criar as condições para que esse princípio seja possível, e é nesse sentido que o MAB é uma chave importante. “A moralidade civilizada é invertida pela harmonização da liberdade instintiva e da ordem: libertos da tirania da razão repressiva, os instintos tendem para relações existenciais livres e duradouras, isto é, geram um novo princípio de realidade.” (MARCUSE, 1975, p. 174)

No final do nono capítulo de sua obra, Marcuse relembra o caminho argumentativo da defesa do equilíbrio das faculdades. O segundo ponto é importante para nós: “2) A auto-sublimação da sensualidade (do impulso sensual) e a dessublimação da razão (do impulso formal), a fim de reconciliar os dois impulsos antagônicos básicos.” (MARCUSE, 1975, p. 171). Acreditamos que o impulso artístico dentro do âmbito educacional possa agir em duas frentes contra a repressão, sendo elas: seguindo a linha argumentativa de Marcuse, acreditamos que o contato direto com as sensações estéticas e sua valoração dentro de um âmbito educativo seja essencial para que sejam abertas novas possibilidades de futuro, para além daquele saber tecnicista que vemos em voga, como diz Nietzsche “[...] a saber, uma formação às pressas, para produzir rapidamente um tipo ganhador de dinheiro e, na verdade, uma formação cuidadosa suficiente para que ele possa se tornar um tipo ganhador de muito dinheiro” (NIETZSCHE, 2018, p. 76). A estética pode e deve ser valorada ao ponto de tornar-se uma possibilidade para o futuro individual e coletivo: O MAB, além de trazer a parte estética, traz a importante lembrança do passado esquecido e, nesse sentido, torna-se uma ferramenta dupla de ensino e memória, para identificar-se e não repetir. A história do povo negro e indígena no Brasil, é marcada por uma forte



negação de humanidade, e o Museu vem na tentativa de amenizar e até mesmo, erradicar esse apagamento imposto pelo eurocêntrismo. O processo político-ideológico do Museu Afro Brasil, tem como base “promover o reconhecimento, valorização e preservação da arte, da história da memória cultural brasileira, tendo como referência a presença indígena, afro-brasileira e africana” (MUSEU AFRO BRASIL, 200?) e, tal projeto político já norteia as demandas que o Museu tem perante a sociedade. Logo, a estética é o caminho possível para o fortalecimento da memória, ponto de partida para ressignificar a história.

“[...] A organização dos instintos converte-se num problema social [...]” (MARCUSE, 1975, p. 174) e, como vimos, essa organização da forma opressiva racional é aquela que autoriza as grandes mazelas sociais, raciais e estruturais. Eduardo Galeano em sua obra *As veias abertas da América Latina*, enfatiza o ponto que desejamos firmar neste artigo: “O livro compreende muitos temas, mas talvez nenhum deles tenha tanta atualidade como está obstinada rotina da desgraça: a monocultura é uma prisão. A diversidade, ao contrário, liberta.” (GALEANO, 2010, p. 7). Em suma, buscamos a diversidade cultural e racional, e usamos para isso o meio estético, enquanto possibilidade de futuro.

O debate sobre racismo, racismo indígena e história dos afro-brasileiros, deve acontecer desde os primeiros anos escolares, tendo sempre como ponto de partida a premissa de que vivemos em um país majoritariamente negro e sua história é diariamente apagada de todos os âmbitos da sociedade. Deve-se reforçar as formações antirracistas dos professores, colocando sob pauta principal, uma educação emancipadora, que proponha um diálogo real com as estruturas sociais.

Sugere-se como ações de erradicação do racismo e epistemicídio, um plano de formação aos professores das redes de ensino Municipal e Estadual; ter o Museu Afro Brasil como um caminho para a aplicação na prática da lei nº 11.645/08, que “estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” (Constituição Federal, 1988); além de um planejamento de ensino em consonância com o MAB, levando em

consideração a especificidade de cada escola. Justamente nesse sentido que leva-se em conta a faculdade teórica do indivíduo, como ressalta Marcuse, buscando implementar esses novos meios em que seja possível equilibrar a razão com a faculdade sensual artística.

O Núcleo de Educação do Museu Afro Brasil, oferece diariamente uma equipe de educadores, profissionais especializados em cada área do conhecimento e pesquisadores, a fim de promover uma visita guiada ou visitas temáticas, objetivando promover aos visitantes, aprofundamento na história apagada da sociedade. Com ações estruturadas dentro do Museu Afro Brasil, o processo de escolarização passa a tomar forma, mostrando que, para além de uma educação formal, há outras abordagens para se debater uma lei tão necessária, mas que ao mesmo tempo é invisibilizada no país. O museu, enquanto detentor de uma dinâmica de educação, baseando-se no científico, não depende especificamente da escola para realizar seu propósito. No entanto, a escola pode tomar para si o papel de mediador entre o aluno e o museu.

Por fim, debater sobre a lei nº 11.645/08 nos proporciona um entendimento maior de como as estruturas estão sendo organizadas na sociedade, quais histórias estão sendo contadas e quais estão sendo invisibilizadas, quais vozes estão ecoando e quais estão sendo silenciadas. O debate favorece também, um diálogo com as camadas mais profundas da sociedade, tais como, aqueles que têm acesso aos projetos e planos de educação, trazendo ao cenário uma proposta de aglutinar todas as comunidades acerca da educação. Em suma, entendemos que nos encontramos nas extremidades e, por meio da educação e da arte, busca-se realizar fissuras para o centro.



## REFERÊNCIAS

AMARO, de Melo Pessanha, Eliseu. **“DO EPISTEMICÍDIO: AS ESTRATÉGIAS DE MATAR O CONHECIMENTO NEGRO AFRICANO E AFRODIASPÓRICO.”** *Problemata* 10.2 (2019): 167–194. *Problemata*. Web.

BRASIL. **Lei 11.645/08 de 10 de Março de 2008.** Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia: (a idade da fábula : histórias de deuses e heróis,** Trad. David Jardim Júnior — 26a ed., Rio de Janeiro: Ediouro Publicações , 2002

COSTA E SILVA, Alberto da. **O Brasil e a África e o Atlântico no século XIX.** *Estudos Avançados*. São Paulo, V.8, n. 21 maio/ago, 1994.)

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América latina.** Trad, Sérgio Faraco. São Paulo: L&PM, 2010.

JIMENEZ, Marc. **O que é estética?.** 3º ed., Rio Grande do Sul: Unisinos, 1999.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra.** Lisboa: Antígona, 2014.

MATOS, Isla Andrade Pereira de. **Ação educativa do Museu Afro Brasil: educação patrimonial no combate à discriminação étnico-racial /** Isla Andrade Pereira de Matos. - Campinas: PUC-Campinas, 2013. 161p.

MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização Uma Interpretação Filosófica do Pensamento de Freud.** 6º ed., Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

**Museu Afro Brasil.** pág web: <http://www.museuafrobrasil.org.br/programacao-cultural/exposicoes/longa-duracao>. Confecção própria.

NIETZSCHE, F. **Considerações extemporâneas. Terceira Parte: Schopenhauer como educador.** Trad. Giovane Rodrigues e Tiago Tranjan. São Paulo: Mundaréu, 2018.

KANT, Immanuel. **Crítica da Faculdade do juízo**, trad. Valério Rohden e António Marques – 2. ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

SCHILLER, F. **Cartas Sobre a Educação Estética da Humanidade [1795].** Trad. port. Roberto Schwarz. São Paulo: EPU, 1991.

SILVA, Nelson Fernando Inocêncio da. **Museu afro Brasil no contexto da diáspora: dimensões contra-hegemônicas das artes e culturas negras /** Nelson Fernando Inocêncio da Silva. -- 2013. 200 f.: il.; 30cm.

*Recebido em 28/02/2021*

*Aprovado em 16/09/2022*



**2022, v. 3, n. 1**